ISSN: 2358-8829

EDUCAÇÃO, JUVENTUDE E PERIFERIA: UMA ANÁLISE DO PENSAMENTO SOCIAL-EDUCACIONAL DE JAILSON DE SOUZA E SILVA

Simone Aranha da Silva Pimentel [1]
Lincoln de Araújo dos Santos[2]
[2]

RESUMO

Este artigo analisa o pensamento social-educacional de Jailson de Souza e Silva, considerando as relações entre educação, juventude e periferia a partir de sua trajetória intelectual, da obra Por que uns e não outros? Caminhada de jovens pobres para a universidade e de sua atuação no território da Maré, no Rio de Janeiro. O estudo parte da compreensão de que as trajetórias educacionais de jovens periféricos não podem ser explicadas apenas por escolhas individuais, pois estão relacionadas às desigualdades sociais, às condições de escolarização e às redes de apoio disponíveis. A pesquisa situa-se no campo da Educação e adota abordagem qualitativa, com pesquisa bibliográfica e documental e inspiração na prosopografia, para compreender a trajetória do pesquisador em articulação com o contexto social e político no qual sua produção se desenvolve. O recorte temporal de 2000 a 2020 orienta a discussão sobre a consolidação de iniciativas que articulam educação, pesquisa e ação social, com destaque para o Observatório de Favelas. O diálogo com Paulo Freire, Dermeval Saviani, António Nóvoa e com a produção de Jailson de Souza e Silva permite discutir a escola como bem público e a periferia como território de produção de saberes e práticas sociais. A discussão aponta que o acesso e a permanência no ensino superior exigem atenção às condições materiais, às desigualdades educacionais e às experiências coletivas construídas nos territórios. O trabalho destaca, ainda, a relevância de reconhecer a produção intelectual oriunda das periferias para ampliar as formas de interpretar a realidade social e educacional.

[1]Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação (PPGECC), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: simonearanhapimentel@gmail.com.

[2] Professor orientador, Doutor, vinculado ao PPGECC/UERJ. E-mail: liarsan@gmail.com

ISSN: 2358-8829

Palavras-chave: Educação, Juventude, Periferia, Ensino superior, Maré-RJ.

INTRODUÇÃO

A relação entre educação, juventude e periferia constitui uma questão importante para compreender as desigualdades que atravessam as trajetórias escolares no Brasil. O acesso à escola, a continuidade dos estudos e o ingresso no ensino superior não dependem apenas do esforço individual dos estudantes. Esses percursos são atravessados pelas condições sociais, econômicas, territoriais e culturais em que os sujeitos vivem, bem como pelas oportunidades e redes de apoio que conseguem construir ao longo de sua formação.

Na cidade do Rio de Janeiro, o bairro Maré - RJ constitui um território fundamental para pensar essas relações. A região reúne diferentes favelas, grupos sociais, instituições públicas e organizações da sociedade civil, além de experiências culturais, educativas e políticas diversas. As desigualdades que marcam o cotidiano do território coexistem com iniciativas coletivas que produzem conhecimento, mobilização e possibilidades de transformação social. Por isso, compreender a Maré – RJ exige ultrapassar interpretações que a reduzam à violência ou à ausência, reconhecendo também os saberes, as práticas e as formas de organização construídas por seus moradores.

É nesse contexto que se situa a trajetória de Jailson de Souza e Silva, pesquisador cuja produção aborda a juventude, a periferia, a educação e as experiências de jovens pobres no acesso à universidade. Sua obra Por que uns e não outros? Caminhada de jovens pobres para a universidade (SILVA, 2018) oferece uma referência para discutir os percursos educacionais e as condições que contribuem para que determinados jovens consigam chegar ao ensino superior. Sua atuação institucional, associada à criação e ao desenvolvimento de iniciativas no território, também permite tensionar sobre a relação entre produção de conhecimento, intervenção social e valorização das periferias.

A escolha deste tema relaciona-se à trajetória profissional da autora, educadora que atua na rede pública de ensino e que, ao longo de sua experiência na Maré -RJ, tem observado os desafios enfrentados por estudantes, famílias e instituições escolares. O ingresso no mestrado em Educação ampliou o interesse em compreender os processos educacionais do território e em estudar o pensamento social-educacional de Jailson de

ISSN: 2358-8829

Souza e Silva. Essa aproximação não é apenas acadêmica: está vinculada à busca por uma atuação educacional mais consciente das desigualdades e das possibilidades coletivas de enfrentá-las.

O objetivo deste artigo é refletir sobre o pensamento social-educacional de Jailson de Souza e Silva, considerando sua atuação na Maré e a importância de sua militância periférica para a construção de reflexões sobre educação, juventude e periferia no Rio de Janeiro. Busca-se, especificamente, discutir as relações entre sua trajetória intelectual e a escolarização de jovens periféricos; examinar a relevância do território na compreensão das trajetórias de acesso ao ensino superior; e refletir sobre o papel das práticas educativas e das instituições que articulam pesquisa, formação e ação social.

METODOLOGIA

A pesquisa insere-se no campo da Educação e adota uma abordagem qualitativa, adequada à análise de trajetórias, produções intelectuais e experiências sociais que não podem ser compreendidas apenas por indicadores quantitativos. O estudo articula pesquisa bibliográfica e documental, tomando como eixo a produção de Jailson de Souza e Silva e os textos que dialogam com educação popular, desigualdades sociais, juventude e território.

A obra *Por que uns e não outros? Caminhada de jovens pobres para a universidade (SILVA, 2018)* constitui referência central para a discussão das trajetórias educacionais. Também integram o conjunto bibliográfico o texto de Souza e Silva e Barbosa (2013), sobre as favelas como territórios de reinvenção da cidade, e as contribuições de Paulo Freire (1996), Dermeval Saviani (2007, 2008) e António Nóvoa (2019). Esses autores permitem estabelecer relações entre escolarização, produção de conhecimento, escola pública e transformação social.

A investigação inspira-se na prosopografia, compreendida aqui como uma possibilidade de estudar uma trajetória individual em relação com os contextos históricos, sociais e institucionais que a atravessam. O interesse não é tratar a trajetória de Jailson de Souza e Silva como uma experiência isolada ou excepcional, mas compreender como ela se relaciona com as condições de escolarização, com as desigualdades que incidem sobre jovens de origem popular e com a construção de iniciativas coletivas no território da Maré-RJ

ISSN: 2358-8829

O recorte temporal indicado no projeto compreende o período de 2000 a 2020, com atenção à consolidação de iniciativas que articulam educação, pesquisa e ação social. O período informado permite organizar a análise das relações entre trajetória intelectual, produção acadêmica e atuação institucional. Como procedimento, realiza-se leitura temática das obras selecionadas, observando as categorias educação, juventude, periferia, território, acesso e permanência no ensino superior e produção de conhecimento. Por se tratar de um artigo elaborado a partir do projeto e dos materiais fornecidos, as conclusões apresentadas devem ser entendidas nos limites desse corpus bibliográfico; não se atribuem ao estudo levantamentos empíricos ou resultados de campo que não estejam documentados nos materiais de origem.

3 REFERENCIAL TEÓRICO: EDUCAÇÃO, JUVENTUDE E PERIFERIA

3.1 Educação e desigualdades nas trajetórias escolares

Pensar a educação como possibilidade de transformação social exige reconhecer que a escola está inserida em uma sociedade marcada por desigualdades. As experiências escolares são influenciadas pelas condições de vida dos estudantes, pelas relações que estabelecem com as instituições e pelas oportunidades de continuidade dos estudos. Nesse sentido, o sucesso escolar não deve ser interpretado como resultado exclusivo de mérito individual, uma vez que as condições de acesso aos recursos educacionais são distribuídas de maneira desigual.

Freire (1996) contribui para essa reflexão ao compreender a educação como prática política e como processo que envolve diálogo, leitura crítica do mundo e participação dos sujeitos. Essa perspectiva ajuda a deslocar o olhar de uma educação centrada apenas na transmissão de conteúdos para uma prática que reconhece os conhecimentos, as experiências e a capacidade de intervenção dos educandos. Em territórios periféricos, essa discussão assume importância particular, pois as vivências dos estudantes muitas vezes são desconsideradas nas interpretações sobre aprendizagem e escolarização.

Saviani (2007, 2008), ao discutir a história das ideias pedagógicas no Brasil e a pedagogia histórico-crítica, oferece elementos para relacionar educação e condições sociais concretas. A escola pública é parte das disputas em torno do acesso ao conhecimento e da democratização das oportunidades. Por isso, a reflexão sobre a educação na Maré precisa considerar tanto os desafios enfrentados pelas instituições

ISSN: 2358-8829

escolares quanto as estratégias construídas por estudantes, famílias, educadores e organizações locais.

Nóvoa (2019) ressalta a dimensão pública e comum da escola. A compreensão da escola como bem público implica reconhecer que sua finalidade não se limita aos interesses individuais, pois envolve a formação e a vida coletiva. Essa ideia dialoga com a necessidade de fortalecer instituições educacionais capazes de escutar os sujeitos do território e construir respostas pedagógicas que considerem suas condições de vida, sem reduzir suas experiências às situações de vulnerabilidade.

3.2 Juventude periférica e acesso ao ensino superior

A juventude não constitui uma experiência homogênea. As oportunidades, os obstáculos e as formas de participação social variam conforme as condições de classe, o território, as redes de sociabilidade e as possibilidades de acesso aos direitos. Assim, falar em juventude periférica exige reconhecer a diversidade dos sujeitos e, ao mesmo tempo, analisar as desigualdades que condicionam suas trajetórias. Os jovens da Maré constroem seus percursos em meio a desafios sociais e educacionais, mas também produzem conhecimentos, formas de organização e projetos de futuro.

A obra de Jailson de Souza e Silva (2018) é central para esse debate ao voltar a atenção para a caminhada de jovens pobres em direção à universidade. A pergunta presente no título — por que uns e não outros? — provoca a análise das condições que contribuem para trajetórias escolares distintas. Em vez de considerar o ingresso no ensino superior apenas como resultado de capacidades individuais, essa abordagem convida a investigar os fatores sociais e educacionais que favorecem ou dificultam a continuidade dos estudos.

A trajetória do próprio pesquisador, oriundo de contexto periférico e posteriormente vinculado à universidade, integra o horizonte dessa reflexão. Sua experiência não deve ser usada para sugerir que todos os jovens podem superar as barreiras nas mesmas condições; ao contrário, ela permite interrogar quais apoios, oportunidades e recursos são necessários para ampliar as possibilidades de escolarização. O problema da permanência também é fundamental: ingressar na universidade não encerra as desigualdades que atravessam a vida dos estudantes, pois a continuidade dos estudos exige condições materiais, acadêmicas e sociais.

ISSN: 2358-8829

Desse modo, o acesso ao ensino superior deve ser compreendido como parte de um percurso mais amplo, que envolve a educação básica, as relações familiares e comunitárias, as políticas públicas e as redes de apoio. A discussão sobre juventude periférica requer, portanto, a articulação entre as experiências individuais e os processos sociais que estruturam as oportunidades educacionais. Sobre esses aspectos tão invisibilizado do como potência estudantil a partir das camadas socialmente mais pobres, Jaílson (2018 p. 18) deixa a seguinte reflexão "O pano de fundo das ideias expostas é a noção de cidadania plena, que se tornou nos últimos anos, o ponto de partida e de chegada da sociedade brasileira". Nesse sentido compreende-se que se entende que as instituições escolares precisam se fortalecer no exercício da cidadania plena, ampliando o campo das potencialidades estudantis.

3.3 A periferia como território de produção de conhecimento

As periferias e favelas são frequentemente representadas a partir da precariedade, da violência e da falta de recursos. Embora as desigualdades e as violações de direitos precisem ser discutidas, uma leitura limitada a esses aspectos invisibiliza as práticas culturais, os vínculos comunitários e a produção de conhecimento que também constituem esses territórios. Souza e Silva e Barbosa (2013), ao discutirem as favelas como territórios de reinvenção da cidade, oferecem uma perspectiva para compreender esses espaços como parte ativa da vida urbana, e não como áreas exteriores à cidade ou destituídas de capacidade de criação.

A noção de território, neste artigo, não se limita à localização geográfica. Ela abrange relações sociais, memórias, instituições, disputas, redes de solidariedade e formas de participação. A Maré - RJ é, nesse sentido, um território de contradições: as desigualdades convivem com iniciativas de organização comunitária, experiências educativas e produção cultural. Essa complexidade exige que a pesquisa considere os moradores e as instituições locais como sujeitos de conhecimento, e não apenas como objetos de intervenção.

A valorização da produção intelectual oriunda das periferias também implica questionar quem tem legitimidade para interpretar a realidade social. Quando pesquisadores que conhecem o território a partir de suas experiências e de sua atuação constroem análises acadêmicas, ampliam-se as perspectivas disponíveis para compreender a cidade e seus processos educacionais. A trajetória de Jailson de Souza e

ISSN: 2358-8829

Silva permite discutir essa articulação entre experiência social, produção acadêmica e intervenção pública.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A leitura articulada do projeto de pesquisa e das referências indicadas permite organizar a discussão em três eixos: a relação entre trajetória intelectual e contexto social; a importância do território para compreender as trajetórias escolares; e a articulação entre produção de conhecimento e ação institucional. Esses eixos não representam resultados de uma pesquisa de campo concluída, mas uma síntese analítica do material bibliográfico que fundamenta o estudo.

4.1 Trajetória intelectual e compromisso com a juventude periférica

O primeiro eixo diz respeito à possibilidade de compreender a trajetória de Jaílson de Souza e Silva em relação às condições sociais e educacionais que marcam o acesso de jovens pobres à universidade. A obra Por que uns e não outros? Caminhada de jovens pobres para a universidade (2018- Contraponto) coloca no centro da reflexão as diferenças entre percursos escolares e questiona explicações que atribuem os resultados educacionais somente à vontade ou ao esforço dos indivíduos (SILVA, 2018). A pergunta que orienta a obra é relevante porque desloca o debate para as condições que organizam as oportunidades e os obstáculos ao longo da escolarização.

A trajetória do pesquisador ganha sentido, assim, quando relacionada às estruturas sociais e às instituições que participam da formação dos sujeitos. A experiência individual não substitui a análise das desigualdades; ela pode, contudo, contribuir para revelar mecanismos que tornam o percurso universitário mais difícil para determinados grupos. A produção intelectual de origem periférica tem potencial para ampliar as perguntas formuladas sobre a escola, a universidade e as políticas de democratização do conhecimento.

Esse enfoque também ajuda a refletir sobre o papel do educador e do pesquisador. Produzir conhecimento sobre a periferia envolve reconhecer os sujeitos que vivem no território, suas práticas e suas interpretações. O compromisso social da pesquisa não significa renunciar ao rigor acadêmico, mas explicitar as perguntas que a orientam e construir análises que dialoguem com os problemas concretos da educação.

4.2 A Maré – RJ como território educativo

ISSN: 2358-8829

O segundo eixo destaca a o bairro Maré -RJ como território que reúne instituições públicas, organizações da sociedade civil, redes comunitárias e diferentes experiências de formação. A realidade local não pode ser descrita apenas pelas carências e violência, pois nela também existem iniciativas que procuram ampliar o acesso à cultura, à educação, à formação profissional e à participação social. A existência dessas experiências não elimina as desigualdades; torna, porém, insuficiente qualquer interpretação que apresente a favela como espaço sem saberes ou sem capacidade de ação.

A experiência profissional da autora na rede pública de ensino constitui uma das motivações para a pesquisa. O cotidiano escolar permite observar que as condições de funcionamento das instituições e as oportunidades oferecidas aos estudantes estão relacionadas ao contexto territorial. Quando situações de conflito ou interrupção de serviços afetam a rotina de uma comunidade, a escola e os demais equipamentos públicos também podem ter seu trabalho prejudicado. Afirmações específicas sobre frequência, número de escolas ou efeitos de operações policiais, entretanto, exigem dados documentais atualizados e referências precisas; por isso, não são apresentadas aqui como estatísticas verificadas.

Compreender a Maré como território educativo significa reconhecer que a formação dos jovens ocorre em diferentes espaços: na escola, nas famílias, nas organizações locais e nas relações comunitárias. Essas experiências podem contribuir para a construção de projetos de vida e para o desenvolvimento de formas de participação. Ao mesmo tempo, a responsabilidade de garantir direitos educacionais permanece ligada ao Estado e às políticas públicas, cuja atuação não pode ser substituída por iniciativas comunitárias ou organizações da sociedade civil.

4.3 Observatório de Favelas, produção de conhecimento e ação social

O texto atribui importância à atuação do Observatório de Favelas na construção de outras formas de interpretar os territórios populares. A instituição aparece como parte do contexto em que se articulam pesquisa, produção de conhecimento e ações sociais. Para o argumento deste artigo, é importante distinguir a atuação de organizações da sociedade civil da responsabilidade estatal pela formulação e implementação de políticas públicas. As organizações podem desenvolver projetos, mobilizar atores, produzir dados e contribuir para o debate público, mas isso não elimina o dever do Estado de assegurar direitos e políticas universais.

ISSN: 2358-8829

A articulação entre conhecimento e ação social é relevante porque permite que as experiências do território sejam documentadas e participem do debate sobre a cidade. A produção de estudos, o desenvolvimento de projetos e a formação de redes podem contribuir para questionar imagens estigmatizadas das favelas e ampliar a visibilidade das demandas de seus moradores. A obra de Souza e Silva e Barbosa (2013) oferece suporte para pensar a favela como parte constitutiva da cidade e como espaço de reinvenção urbana.

A análise também indica a necessidade de aprofundar, na continuidade da pesquisa, a história institucional do Observatório de Favelas, seus objetivos, suas principais iniciativas e a relação entre sua atuação e o pensamento social-educacional de Jailson de Souza e Silva. O projeto original aponta essa questão como central, mas os materiais disponibilizados não apresentam documentação suficiente para estabelecer uma cronologia institucional detalhada. Por rigor acadêmico, esses dados devem ser completados a partir de fontes institucionais e bibliográficas verificadas para a conclusão desta analise.

4.4 Implicações para a educação pública

Os três eixos discutidos convergem para a necessidade de compreender o acesso e a permanência no ensino superior como questões coletivas. O ingresso de jovens periféricos na universidade depende de uma trajetória que começa antes do processo seletivo e continua depois da matrícula. As condições da educação básica, o acesso a informações, as redes de apoio e as condições materiais de permanência integram esse percurso. Uma abordagem que se concentre somente no momento do ingresso deixa de considerar parte significativa das desigualdades que atravessam a vida acadêmica.

A reflexão de Nóvoa (2019) sobre a escola como bem público e comum contribui para pensar políticas educacionais comprometidas com a coletividade. Em diálogo com Freire (1996) e Saviani (2008), essa perspectiva permite sustentar que o trabalho educativo precisa reconhecer os sujeitos e suas condições concretas, sem naturalizar as desigualdades. A escola pública, as universidades e as iniciativas comunitárias podem estabelecer relações de colaboração, preservando suas responsabilidades e contribuindo para ampliar oportunidades educacionais.

A pesquisa proposta também possui relevância para a prática profissional da autora. Investigar o pensamento social-educacional de Jailson de Souza e Silva permite

ISSN: 2358-8829

refletir sobre como a gestão escolar, o trabalho pedagógico e as políticas públicas podem considerar o território como parte da experiência educativa. A intenção não é apresentar uma solução única para os desafios da Maré-RJ mas contribuir para uma leitura que reconheça a complexidade do contexto e valorize a participação dos sujeitos que constroem cotidianamente a educação nesse espaço.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo discutiu as relações entre educação, juventude e periferia a partir do pensamento social-educacional de Jailson de Souza e Silva, tomando como referência sua obra sobre a caminhada de jovens pobres para a universidade (2018) e sua atuação relacionada ao território da Maré. A análise bibliográfica permitiu organizar a discussão em torno de três dimensões: as trajetórias educacionais e as desigualdades sociais; a periferia como território de produção de conhecimento; e a articulação entre pesquisa, instituições e ação social.

A questão “por que uns e não outros?” permanece importante para pensar o acesso à universidade, pois convida a ultrapassar explicações individualizantes e a investigar as condições sociais e educacionais que favorecem ou dificultam a escolarização. A trajetória de Jailson de Souza e Silva constitui uma referência para essa reflexão, especialmente por aproximar a produção acadêmica das experiências de jovens oriundos de territórios populares.

A discussão sobre a Maré reforça a necessidade de reconhecer as contradições do território. As desigualdades e as dificuldades de acesso a direitos devem ser enfrentadas, mas não podem apagar a produção cultural, os conhecimentos, as organizações e as práticas coletivas desenvolvidas pelos moradores. Reconhecer a periferia como espaço de produção de saberes amplia as possibilidades de interpretar a cidade e de formular respostas educacionais que dialoguem com a realidade dos estudantes.

O artigo também destaca que iniciativas da sociedade civil podem contribuir para a produção de conhecimento e para a mobilização social, sem substituir a responsabilidade do Estado na garantia de direitos. O fortalecimento do acesso e da permanência no ensino superior exige políticas públicas, instituições educacionais comprometidas e redes de apoio capazes de enfrentar desigualdades ao longo de toda a trajetória escolar.

ISSN: 2358-8829

Como limite, este texto foi construído a partir do projeto de pesquisa e das referências nele indicadas, sem incorporar levantamento empírico concluído ou dados atualizados que não estavam documentados nos materiais fornecidos. A continuidade da investigação deverá aprofundar a história do Observatório de Favelas, analisar de forma sistemática os textos de Jailson de Souza e Silva e ampliar a documentação sobre as condições educacionais da Maré. Esse aprofundamento permitirá consolidar as categorias de educação, juventude, periferia e território e examinar com maior precisão as relações entre pensamento social-educacional e práticas institucionais cujas práticas estão voltadas para a ruptura de paradigmas sociais relacionadas as periferias e juventude.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Política e educação. São Paulo: Cortez, 1996.

NÓVOA, António. Os professores e sua formação em tempo de metamorfose da escola. Educação & Realidade, Porto Alegre, 2019.

SAVIANI, Dermeval. História das ideias pedagógicas no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

SAVIANI, Dermeval. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 10. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SILVA, Jailson de Souza e. Por que uns e não outros? Caminhada de jovens pobres para a universidade. Rio de Janeiro: Contraponto, 2018.

SOUZA E SILVA, Jailson de; BARBOSA, Jorge Luiz. As favelas como territórios de reinvenção da cidade. Cadernos do Desenvolvimento Fluminense, Rio de Janeiro, n. 1, p. 115-126, 2013. DOI: https://doi.org/10.12957/cdf.2013.9062.